

ENSINO-APRENDIZAGEM DE GEOGRAFIA NA EDUCAÇÃO DO CAMPO: USO DE RECURSOS DIDÁTICOS NÃO CONVENCIONAIS NO ENSINO REGULAR E NA MODALIDADE DE EJA

GEOGRAPHY TEACHING-LEARNING IN RURAL EDUCATION: USE OF NON-CONVENTIONAL TEACHING RESOURCES IN REGULAR EDUCATION AND IN EJA MODALITY

Gildênia Lima Monteiro

Especialista em Gestão e Educação Ambiental (UESPI). Graduada em Geografia pela Universidade Estadual do Piauí (UESPI). Professora Substituta da Universidade Estadual do Maranhão (UEMA). Professora Substituta da Secretaria de Educação e Cultura do Piauí (SEDUC-PI). Membro da Acessoria de Gestão Ambiental da UEMA (AGA - UEMA).

E-mail: gildenia.geo@gmail.com

RESUMO

O Ensino de Geografia pode proporcionar aos alunos uma visão múltipla de conhecimentos e que, muitas vezes pode ser aplicado a realidade dos discentes como forma de aproximá-los dos conteúdos estudados em sala de aula, considerando sua base empírica de conhecimentos. Contudo, faz-se necessário que o professor consiga inserir práticas pedagógicas que auxiliem no processo de ensino aprendizagem, de modo que desperte no alunado o interesse pela disciplina e pelos conteúdos abordados, bem como o estímulo ao senso crítico dos discentes e construção de sua própria identidade, pois a pesquisa permeia a realidade de uma escola do campo, marcada pelas lutas sociais e, ao mesmo tempo, pelas dificuldades de infraestrutura e acesso. Dessa forma, a pesquisa possui como objetivo analisar o processo de ensino-aprendizagem de Geografia na educação do campo através do uso de recursos didáticos não convencionais no ensino regular e na modalidade EJA. Para seu efetivo desenvolvimento utilizou-se a pesquisa bibliográfica, documental e a pesquisa de campo por meio da observação não estruturada e vivência do autor nas aulas de Geografia. Verificou-se que a prática

pedagógica do uso dos recursos não convencionais no ensino de Geografia trouxe maior significância e eficácia para o processo de ensino aprendizagem. Os recursos aqui trabalhados servem como um norte ao docente para que utilize-os em suas aulas, sempre que achar necessário, adaptando cada um deles ao conteúdo e à modalidade trabalhada, de forma que possam proporcionar o desenvolvimento de atitudes e valores por meio de uma consciência crítica acerca da realidade vivenciada pelo alunado.

Palavras-chave: Ensino-Aprendizagem de Geografia. Educação do Campo. Recursos Didáticos Não-Convencionais. Ensino Regular e EJA.

ABSTRACT

Teaching Geography can provide students a broad knowledge that often can be applied to the students' realities as a way to bring them closer to the content studied in the classroom, considering their empirical knowledge base. However, it requires the teacher to be able to introduce pedagogical practices that assist in the teaching-learning process, in a more effective way. This requirement may awake in the students, the interest in the subject and the contents covered, as well as stimulating the students' critical sense. In addition, it is expected the construction of its own identity, as research permeates the reality of a rural school, which is marked by social struggles and, at the same time, by difficulties in infrastructure and access. Thus, this research aims to analyze the teaching-learning process of Geography in rural education through the use of non-conventional didactic resources in regular education and in the EJA modality. For the effective development of this research, it was carried out bibliographic research, documentary research and field research through previous author's teaching experience. It was found that the pedagogical practice of using non-conventional resources in teaching of Geography provided significance and effectiveness to the teaching-learning process. Therefore, the resources used in the learning processes serve as a guide for teachers to use them in classes, adapting each one of them to the content and the educational modality. Thus, they can provide the development of attitudes and values through a critical awareness of the reality experienced by students.

Keywords: Teaching-Learning of Geography. Rural Education. Non-Conventional Teaching Resources. Regular Education and EJA.

INTRODUÇÃO

A Geografia, ao abordar o estudo do espaço geográfico como sendo fruto da transformação do meio pelo homem acaba por se tornar complexa

apresentando conceitos, mapas, gráficos e informações necessárias para sua concepção como disciplina que estuda o espaço. Na sala de aula a fase de memorização de conteúdos do livro didático para realização de avaliações ficou defasada com o surgimento das novas tecnologias de informação e comunicação (TIC's), que trazem consigo formas e mecanismos mais atrativos ao processo de ensino aprendizagem. O alunado já faz parte desse meio digital, onde o professor precisa repensar suas práticas docentes e criar mecanismos para tornar suas aulas mais dinâmicas e atrativas, visto que essa é uma exigência impulsionada pelo próprio processo de modernidade do século XXI.

O uso de recursos didáticos convencionais como o livro, os mapas, Globo Terrestre, dentre outros, são importantes ferramentas para as aulas de Geografia. Contudo, o processo de modernidade impulsiona a sociedade ao novo, ao inesperado, ao criativo, ao que “prenda” a atenção do alunado, ao que leve a prática em sala de aula, como o uso de recursos didáticos não convencionais, como aqueles que não foram planejados para o ensino mas que o docente consegue adaptar aos conteúdos abordados como forma de facilitar o processo de ensino-aprendizagem propondo uma reflexão e análise crítica das temáticas estudadas.

O objeto da pesquisa foi a prática pedagógica do uso de recursos didáticos nas aulas de Geografia em uma escola do campo, onde as necessidades constantes de recursos e dificuldades de acesso de professores e alunos caracterizam a precarização do trabalho docente, que requer mais esforço e dedicação do profissional da educação para que sua disciplina se torne atrativa e pertinente ao contexto sociocultural vivenciado pelos alunos.

Portanto, esse estudo tem como objetivo analisar o processo de ensino-aprendizagem de Geografia na educação do campo através do uso de recursos didáticos não convencionais no ensino regular e na modalidade EJA. Como objetivos específicos listam-se: a) discutir as bases teóricas sobre o Ensino de Geografia na educação do campo por meio do uso de recursos

didáticos não-convencionais; b) disseminar experiências do uso dos recursos didáticos nas aulas de Geografia do ensino regular e na modalidade EJA.

Por se tratar de uma escola do campo, situado em assentamento rural, é necessário dedicação e comprometimento dos docentes para que consigam, mesmo com a dificuldade de recursos que a escola apresenta, desenvolver um bom trabalho, estimulando o interesse dos alunos, instigando sua capacidade investigativa para reconhecer sua realidade, função indispensáveis da Geografia enquanto disciplina escolar. No entanto, o papel do professor vai além de ter recursos didáticos disponíveis, pois é necessário saber como lidar com essas ferramentas em sala de aula e adequá-los a realidade escolar e as diferentes modalidades de ensino.

PROCEDIMENTO METODOLÓGICO

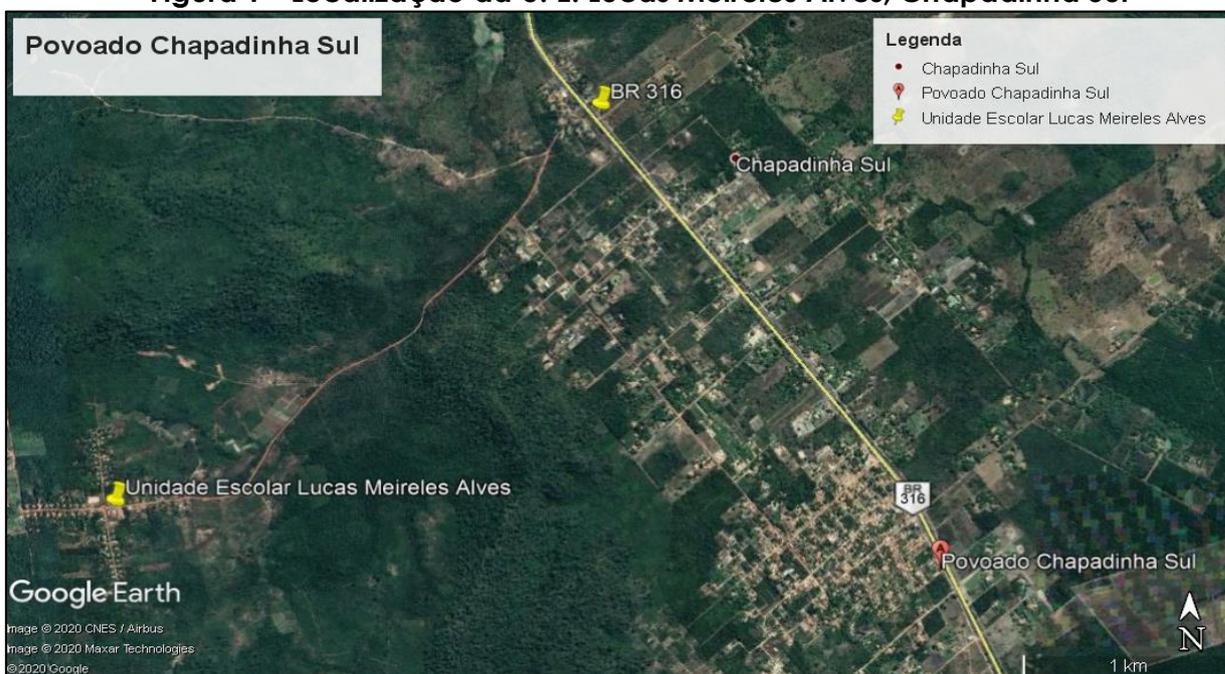
Os procedimentos metodológicos adotados estiveram organizados em cinco etapas contínuas que se desenvolveram no decorrer do ano letivo de 2019. O primeiro deles se deu por meio da escolha da escola, local de trabalho do autor da pesquisa em questão, configurando uma pesquisa-ação participante de caráter qualitativo, por meio da análise, intervenção e observação da realidade escolar nas aulas de Geografia.

A pesquisa de campo foi desenvolvida na Unidade Escolar Lucas Meireles Alves, escola da rede pública estadual, localizada no Assentamento 17 de abril, Chapadinha Sul, Teresina-PI (Figura 1). A escola é fruto da conquista do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST), e atende estudantes do Assentamento 8 de Março e do povoado Chapadinha Sul, oferecendo Ensino Médio regular no turno vespertino e Educação de Jovens e Adultos IV, V, VI e VII Etapas no período noturno.

A segunda etapa constituiu-se de pesquisa bibliográfica, por meio do embasamento de livros, artigos e dissertações trabalhando com autores que permeiam o tema exposto de forma crítica e específica, como Silva e Araújo (2016) que trazem uma discussão sobre as práticas docentes na educação

básica; Callai (2005) que aborda a superação das práticas tradicionais no ensino de Geografia; Cavalcanti (2010) que faz reflexões sobre o ensino de Geografia na contemporaneidade; e Alencar e Silva (2018) que abordam os recursos didáticos não convencionais no ensino de Geografia.

Figura 1 - Localização da U. E. Lucas Meireles Alves, Chapadinha Sul



Fonte: Google Earth (2020).

A terceira etapa constituiu-se de pesquisa documental por meio da análise e discussão sobre o que diz na Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) através da Lei nº 9.394/96, seguindo ainda as orientações das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos, por abordar esse público de estudantes na pesquisa, e ainda as Diretrizes Curriculares Nacionais Operacionais para as escolas Básicas da Educação do Campo, devido a localização rural que a escola está inserida.

Na quarta etapa, houve o planejamento das atividades que foram desenvolvidas e dos recursos didáticos que foram utilizados em sala de aula ao longo do ano letivo na disciplina de Geografia. O programa das atividades contemplou os conteúdos abordados em cada ano do Ensino Médio e em cada etapa da EJA, seguindo o livro didático e as orientações das matrizes

curriculares propostas pela Secretaria de Educação do Estado do Piauí (SEDUC-PI).

Após o planejamento, ocorreu a aplicação dos recursos didáticos não convencionais nas aulas de Geografia de acordo com cada conteúdo desenvolvido em sala de aula, e em paralelo ocorreu a observação não estruturada, onde os resultados da pesquisa foram constatados e analisados, caracterizando a quinta etapa dos procedimentos metodológicos.

A GEOGRAFIA ESCOLAR E A EDUCAÇÃO DO CAMPO

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) prevê que haja “oferta de educação escolar regular para jovens e adultos, com características e modalidades adequadas às suas necessidades e disponibilidades, garantindo-se aos que forem trabalhadores as condições de acesso e permanência na escola;”. Dessa forma, a modalidade EJA está assegurada em lei sua oferta e adequação de conteúdos de acordo com as necessidades do alunado (BRASIL, 1996, p. 3).

O público da Educação de Jovens e Adultos fundamenta sua oportunidade de melhoria de condições de vida através dos estudos, por meio da conclusão da educação básica, aos que não tiveram acesso na idade própria, até os 17 anos de idade. (BRASIL, 1996). Contudo, Arroyo (2006) destaca que a EJA “pode-se pautar na educação como direito, em consideração ao grande esforço que os jovens e adultos fazem para voltar à escola, para garantir seu direito à educação, ao trabalho, à cidadania e a inclusão social [...]”. Esses esforços devem ser reconhecidos e recompensados por um ensino de qualidade que tenha eficácia para a vida desses jovens e adultos.

É importante ainda, analisar o contexto onde está inserido o alunado da rede pública de ensino para adequar as práticas educacionais à realidade vivenciada por esse público alvo, constituindo-se identidade própria. Dessa forma, a Educação do Campo tem suas particularidades dispostas pelas

Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo, afirmando que,

A identidade da escola do campo é definida pela sua vinculação às questões inerentes a sua realidade, ancorando-se na temporalidade e saberes próprios dos estudantes, na memória coletiva que sinaliza futuros, na rede de ciência e tecnologia disponível na sociedade e nos movimentos sociais em defesa de projetos que associem as soluções exigidas por essas questões à qualidade social da vida coletiva no país (BRASIL, 2002, p. 2).

Dessa forma, a Geografia, como disciplina escolar exerce uma importante função ao desenvolver o senso crítico do alunado e configurar o ambiente escolar como um local de lutas, conquistas, construção de identidade e transformações sociais, como exemplo, as escolas do campo, que são conquistas dos movimentos sociais que lutam por condições dignas de igualdade e justiça. Assim, Lima e Moura (2016, p. 87) enfatizam que,

A educação do campo surge com o objetivo de emancipar e formar o cidadão, como ser pensante e crítico, e deve ser inserida na dinâmica do conhecimento do campo e nas disciplinas escolares, possibilitando o conhecimento do meio onde vive para que seja capaz de despertar e formar o cidadão com capacidade de se desenvolver e ser transformador social.

A esse respeito, Oliveira A. (2010, p. 2) enfatiza que “a escola do campo é vista como uma proposta que nasceu de demandas dos movimentos camponeses em busca da construção de uma política educacional para os acampamentos e assentamentos de reforma agrária”. A escola do campo configura-se como um mecanismo de busca de identidade social e valorização da luta da classe trabalhadora, oprimida pelo atual sistema capitalista de divisão de classes, entre os donos dos meios de produção e os trabalhadores.

O ENSINO DE GEOGRAFIA NA ESCOLA ATUAL

A Geografia foi, durante anos, considerada uma ciência mnemônica, onde os conteúdos eram bastante teóricos e memorizados pelos alunos no intuito de apenas acumular conceitos, sem nenhuma ligação com a prática, inexistindo assim, qualquer relação com as vivências cotidianas dos alunos, tornando-se uma disciplina escolar cansativa, enfadonha e de complexo entendimento, bem como afirma Silva e Araújo (2016, p. 355):

É importante ressaltar que o ensino de Geografia deve se voltar para a construção do conhecimento e não para a memorização de determinados conteúdos. Muitos associam a disciplina Geografia ao exercício de decorar as capitais dos países, no entanto, ela se detém a estudar a representação do espaço geográfico como reflexo da sociedade em suas múltiplas relações mediante a análise das diversas realidades e dos problemas enfrentados em nosso Planeta.

Contudo, com o passar dos anos, o ensino de Geografia foi incorporando novas práticas, novos conceitos de aprendizagem, onde passa a ser vivenciado o tempo em que “[...] a escola é questionada pela sociedade e que os conteúdos curriculares são postos à prova para justificarem sua pertinência [...]” (CALLAI, 2010). Ensino este, que deve estar vinculado à construção do conhecimento e a formação de um cidadão crítico capaz de intervir na sociedade que está inserido. Assim, Callai (2005, p. 229) afirma que,

[...] É certo que, da forma como a geografia tem sido tratada na escola tradicionalmente, ela não tem muito a contribuir. Aquela geografia chamada tradicional, caracterizada pela enumeração de dados geográficos e que trabalha espaços fragmentados, em geral opera com questões desconexas, isolando-as no interior de si mesmas, em vez de considera-las no contexto de um espaço geográfico complexo, que é o mundo da vida.

Eis o desafio atual da ciência geográfica: superar as práticas tradicionais de ensino, onde o professor é o transmissor de conteúdos e o aluno um pleno receptor e memorizador de informações. Assim, “[...] as novas abordagens didáticas reconhecem a importância da aula expositiva para o

processo de ensino aprendizagem de Geografia, mas sem restringi-la apenas à transmissão de informações, [...]" (OLIVEIRA; EVANGELISTA, 2016, p. 327).

No contexto atual do ensino, a participação do aluno deve ser valorizada, seus conhecimentos empíricos devem ser levados em conta para a abordagem de qualquer conteúdo como forma de facilitar sua aprendizagem. Suas vivências diárias, de cotidiano e de lugar devem ser consideradas, de forma que,

Ao resgatar o lugar que o aluno mora, suas vivências, suas relações com o espaço e com a sociedade, a Geografia torna-se mais próxima, pois pode ultrapassar a teoria trazida nos livros, uma vez que pode ser associada ao convívio social e alargar as possibilidades de ensino. Aproveitar a fala e as experiências dos alunos é considera-lo sujeito ativo no processo de ensino-aprendizagem, não mais como um receptor de informações prontas, mas como um sujeito que pode contribuir para a construção do conhecimento. (SANTOS, 2012, p. 108).

Faz-se necessário incorporar novas práticas em sala de aula, de forma que os conteúdos sejam trabalhados em sintonia com as vivências dos educandos e os conhecimentos prévios sejam levados em consideração, facilitando assim a assimilação de novos conceitos da ciência, de modo que os discentes consigam pensar criticamente e os docentes possam refletir sobre sua prática pedagógica em sala de aula.

As inovações tecnológicas constituem um aspecto relevante a formação do conhecimento. Produzidas pela modernidade, permeiam o processo educativo, e trazem informações ricas ao conhecimento. As redes sociais são instrumentos riquíssimos para o aprendizado e comunicação, quando bem utilizados. Contudo, torna-se necessário a aproximação da escola com os meios tecnológicos, sendo que o ambiente educacional precisa repensar a aplicabilidade de seus conteúdos, pois a sociedade está em constante transformação, tornando-se complexa em estrutura e formas de pensar e agir, exigindo explicações e respostas aos constantes problemas sociais e cotidianos. (ALENCAR; SILVA, 2018).

A produção do conhecimento tornou-se então, o grande desafio da contemporaneidade, necessitando um maior desdobramento dos profissionais do ensino para apresentar respostas a sociedade em crise global. Contudo, torna-se necessário “[...] o domínio e uma análise mais aprofundada acerca de certos conteúdos geográficos e de metodologias que possam facilitar a aprendizagem.” (SILVA; ARAÚJO, 2016, p. 353).

Em seu cotidiano os alunos estão envoltos por equipamentos tecnológicos, como celulares, computadores, internet, jogos digitais, videogames, dentre outros. Equipamentos que são capazes de despertar interesse no alunado por mostrar o “novo” de forma lúdica e interativa. As universidades, centros de pesquisas e escolas estão abrindo as portas para os avanços tecnológicos, pois são os maiores aliados da ciência. Assim, Silva e Araújo (2016, p. 354) afirma que,

[...] a metodologia do professor em sala de aula se modifica, ao agregar alguns recursos que ajudam no seu trabalho. Isso tudo se reflete na avaliação, ou seja, no cenário avaliativo que se adapta às novas tecnologias e repercute na aprendizagem. Atualmente, o educando tem acesso a meios digitais que, se utilizados de maneira correta no ambiente escolar, poderão favorecer, porventura, a aprendizagem.

Dessa forma, as estratégias de ensino e aprendizagem devem ser trabalhadas alinhadas aos conteúdos informacionais e atuais da sociedade. A escola deve estar presente no cotidiano e vivência do seu alunado, utilizando a tecnologia como aliada no processo educativo. As práticas curriculares dos profissionais da educação também devem ser revistas e atualizadas constantemente, as metodologias adaptadas ao público alvo que se destina para que os conteúdos sejam aplicados de forma assertiva despertando o interesse do alunado para que consiga formar sua consciência crítica e trabalhar em busca da construção de sua identidade.

OS RECURSOS DIDÁTICOS NÃO CONVENCIONAIS NAS AULAS DE GEOGRAFIA

O atual período vivenciado caracterizado por Santos (2002) como o meio técnico-científico-informacional coloca em cheque o sistema educacional tradicional, trazendo uma ruptura entre o ensino tradicional e o contemporâneo, que exige um conhecimento das mídias tecnológicas e informacionais por parte dos gestores e profissionais que atuam na área da educação como forma de facilitar o processo de ensino para eficácia na aprendizagem.

Nesse contexto, para Costa e Moreira (2016), “[...] além de dominar conteúdos, o professor deve ter a capacidade de utilizá-los como instrumento para desvelar e compreender a realidade do mundo [...]”, de forma que os assuntos abordados possam dar significância ao processo educativo. Para tanto, é importante o uso de recursos de fácil acesso aos estudantes e professores que possam ser inseridos no cotidiano escolar. Assim, Silva (2011, p. 17) define esses recursos como:

[...] os materiais utilizados ou utilizáveis por professores (as), na Educação Básica, mas que não tenham sido elaboradas especificamente para esse fim. Em geral, são produções sociais, com grande alcance de público, que revelam o comportamento das pessoas em sociedade ou buscam refletir sobre esse comportamento. Para exemplificar, podemos mencionar os meios de comunicação, tais como: o rádio, a televisão, os jornais e a internet, ou ainda, as produções artísticas em geral, o cinema, a poesia, a música, a literatura de cordel, a fotografia, artes plásticas em geral e as histórias em quadrinhos.

A prática pedagógica da inserção de recursos didáticos não convencionais no ensino permite dar um norte no processo educacional na educação básica, seja ele ensino fundamental, médio ou EJA (Educação de Jovens e Adultos) através da utilização de recursos de fácil acesso ao cotidiano de professores e alunos. Caso a tecnologia esteja atrelada a esses mecanismos, melhor será o desenvolvimento da disciplina.

Os recursos didáticos mais utilizados nas aulas de Geografia são as maquetes, vídeos, filmes, uso de músicas, construção de paródias, jogos

aliados à tecnologia, ou construção de jogos com materiais reutilizáveis, uso de histórias em quadrinhos (HQ's), charges e imagens ilustrativas e poemas para interpretação. Esses são exemplos de alguns dos recursos disponíveis que podem permear o processo de ensino aprendizagem e auxiliar em projetos interdisciplinares na educação básica.

Nas estratégias metodológicas planejadas para a sala de aula existem os recursos convencionais, aqueles pensados e preparados para a sala de aula, como o mapa, o globo terrestre, o livro didático, e os recursos não convencionais, concebidos como aqueles que não foram criados para a sala de aula, mas que o professor consegue adaptar aos conteúdos trabalhados em sala de forma que possa chamar e prender a atenção dos discentes para o novo recurso, como a música, os filmes e documentários, poesias, jogos, dentre outros. (ALENCAR; SILVA, 2018).

Sobre o uso de recursos didáticos não convencionais nas aulas de Geografia, possuem significância pois abordam de modo integral os problemas sociais vivenciados pelo alunado, pois através da criatividade estes conseguem expressar um pouco do que sentem necessidade, bem como suas frustrações e angústias diante de uma sociedade em crise. Para Alencar e Silva (2018, p. 12),

[...] muitas canções, poesias e obras literárias transmitem mensagens de protestos e denúncias de problemas de cunho ambiental e social, seu emprego na escola promove reflexões sobre os conteúdos trabalhados pela Geografia, conduzindo a ressignificação desta matéria, ao tempo em que contribui para despertar nos alunos atitudes e valores.

Para Cavalcanti (2010), é necessário inserir temas do cotidiano dos alunos, em especial aqueles que trazem uma grande repercussão na mídia e que servem para compreensão da sociedade globalizada. Sendo necessário uma análise sistemática desses temas, proporcionando discussões, dúvidas, embates e diálogos que expliquem sua complexidade, como forma de

ultrapassar a abordagem tradicional, superficial, preconceituosa e midiática exagerada e/ou oculta.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Na etapa da pesquisa de campo do presente estudo procurou-se relatar as experiências realizadas durante as aulas de Geografia no Ensino Médio e na modalidade da Educação de Jovens e Adultos (EJA) na Unidade Escolar Lucas Meireles Alves (UELMA), que acolhe jovens e adultos de baixa renda, em sua maioria trabalhadores rurais, criando força por meio das lutas sociais e movimentos em massa, adquirindo alta capacidade de lutar por seus direitos, além da formação de um ser crítico, constituindo um grupo de forte representação social no estado do Piauí.

No início da experiência observou-se que esses alunos não tinham interesse pelas aulas teóricas da disciplina, ocasionando absenteísmo durante as aulas semanais, que estavam distribuídas 3 aulas no ensino fundamental (EJA) e 2 aulas semanais em turmas do ensino médio. Levando em consideração as ausências constantes e o desinteresse nas aulas, foi pensado a proposta de associar os conteúdos à realidade em que se encontravam por meio da utilização de recursos não-convencionais, onde estes, seriam adaptados para uma possível utilização em sala de aula.

Ao pensar em atividades que permeassem a realidade dos alunos e tivessem relação com o conteúdo geográfico abordado foi realizada a etapa inicial do planejamento didático, onde os conteúdos bimestrais ao longo do ano letivo seriam abordados e juntamente com eles atividades desenvolvidas por meio da utilização de recursos não convencionais. No início procurou-se realizar uma avaliação diagnóstica, que por meio dela, pode-se observar o quanto os alunos haviam absorvido de conteúdo nos anos anteriores e o nível de conhecimento de cada um deles.

Ao planejar essas atividades e com base na precariedade de recursos e acessos, por se tratar de uma escola do campo, buscou-se atividades

simples como jogos aplicados ao conteúdo, exibição de vídeos, filmes, documentários, projetos interdisciplinares, além do trabalho com letras de músicas por meio da discussão em rodas de conversa, abrindo espaço para que o alunado conseguisse expor suas opiniões e compreender melhor o conteúdo abordado.

Ao tentar melhorar a explanação das aulas de Geografia na EJA inicialmente foi elaborado a proposta do Jogo de Cartas com alguns dos indicadores de cada estado brasileiro, como área total, densidade demográfica, número de municípios de cada estado, IDH e população, sendo que todos os dados foram retirados do *site* do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e após isso, foi realizado confecções de cartas para que os alunos pudessem analisar e realizar o jogo por meio do comparativo dos estados que possuíam maior ou menor indicador (semelhante a um jogo de baralho), onde as regras foram estabelecidas inicialmente pela professora da disciplina e explanadas aos discentes.

A proposta foi bem acolhida por parte dos alunos (Figuras 2 e 3), pois despertou interesse na dinâmica e além disso pode contar com a interdisciplinaridade com outras disciplinas como a matemática e a estatística na comparação dos dados entre os estados. Além disso, foi importante para a disciplina Geografia, pois abordou vários conteúdos já estudados por eles, como o conhecimento dos estados e capitais brasileiras, as bandeiras de cada estado, indicadores populacionais brasileiros, extensão territorial, Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), distribuição da população por m² (Densidade Demográfica), desigualdades entre os Estados, o que facilitou a melhor compreensão dos conteúdos, além de compreender e como está formada a estrutura populacional de cada estado brasileiro.

Figuras 2 e 3 - Fotografias dos alunos da EJA no Jogo de Cartas dos Indicadores Brasileiros



Fonte: Próprio Autor (2019).



Fonte: Próprio Autor (2019).

O uso de filmes foi o segundo recurso não-convencional trabalhado com esses alunos da EJA. O ambiente escolar no período noturno se configura como um espaço de rebeldia por parte dos mais jovens, devido ao uso de produtos ilícitos por grande parte deles, fator que causa absenteísmo ou até mesmo prejudica o aprendizado dos adultos e idosos durante as aulas, visto que alguns jovens vão à escola com outros objetivos de bagunça e tumulto. Pensando nessa realidade, foi pensada a proposta de exibição de filmes e/ou documentários que pudessem tocar um pouco a realidade desses alunos, outra atividade que apresentou efeito positivo diante do alunado.

Durante o ano de 2019 foi exibido os documentários “Escritores da Liberdade” e “Pro Dia Nascer Feliz”, unindo as turmas de EJA da escola para exibição do filme e posterior discussão. O momento de partilha foi riquíssimo para alunos e professores, pois foram atividades interdisciplinares com a disciplina de História e Geografia. Para Alencar e Silva (2018, p. 8) com o uso de filmes em sala de aula “[...] o professor instiga a discussão de temas polêmicos veiculados pelo cinema, trazendo-os para o cotidiano da sala de aula. O debate gerado pelas imagens conduz à construção de opiniões, identificando atitudes e valores diante do problema abordado.”

Assim, os alunos puderam se colocar no lugar dos personagens dos filmes/documentários e assim relatar um pouco da história de vida de cada um deles, ressaltando muitos motivos que os levaram, por exemplo, a entrar para o mundo das drogas e da violência, alguns porém, conseguiram mudar sua realidade de vida.

Nos momentos de revisões para as avaliações procurou-se também utilizar o lúdico como forma de melhorar o processo de ensino aprendizagem dos alunos. Para tanto, foi realizado o jogo conhecido como Bingo Geográfico, onde em cada turma (também aplicado às turmas de Ensino Médio regular) os conteúdos abordados eram aplicados em formas de um jogo de bingo, onde cada aluno tinha confeccionado sua própria cartela e ao invés de números marcados nas cartelas, eles utilizavam as palavras do conteúdo abordado. Era feito um *quiz*, onde as respostas deveriam constar nas cartelas deles para conseguir “bater” e vencer no bingo. Como forma de estimular o alunado, buscou-se atribuir premiações aos ganhadores de cada rodada do bingo.

Os trabalhos interdisciplinares contribuem muito para aprofundar o conhecimento sobre as ciências de forma articulada, bem como seus pontos em comum. A partir desse propósito, foi desenvolvido nas turmas do ensino médio o projeto “Viagem na História: lutas e conquistas dos movimentos sociais”, articulando os saberes das disciplinas História e Geografia. No decorrer do projeto os alunos foram instigados a pesquisar para aprofundar o conhecimento, confeccionar materiais (Figuras 4 e 5), desenhar, dramatizar, cantar e apresentar os movimentos Negro, Feminista e do MST, de forma que, cada turma pode se articular da melhor maneira para suas apresentações.

Figuras 4 e 5 - Alunos do 1º Ano/Ens. Médio (à esquerda) e alunos do 3º Ano/Ens. Médio (à direita) confeccionando material para culminância do Projeto Movimentos Sociais



Fonte: Próprio Autor (2019).



Fonte: Próprio Autor (2019).

O projeto em questão trouxe benefícios para as duas ciências e para o alunado como um todo, visto que ocasionou a unificação e articulação das turmas de ensino médio para a culminância além do estímulo ao senso crítico dos discentes e profissionais da educação. Vale ressaltar que este foi bem aceito pelo público alvo, estimulando a criatividade deles e despertando o interesse para o desenvolvimento das atividades, até mesmo daqueles alunos que eram mais dispersos, que muitas vezes atrapalhavam nas aulas, interferindo assim de forma negativa, proporcionando a estes que colocassem sua criatividade em prática na confecção do material que seria apresentado na culminância do projeto interdisciplinar (Figuras 6 e 7).

Figuras 6 e 7 - Alunos realizando a etapa de desenhos à mão (à esquerda) e Alunos confeccionando uma câmera filmadora utilizando materiais recicláveis (à direita)



Fonte: Próprio Autor (2019).



Fonte: Próprio Autor (2019).

Trabalhar com músicas, poemas, charges, jogos, desenhos e projetos educativos interdisciplinares estimulam a criatividade e senso crítico do alunado, de forma que estes sentem-se mais próximos dos conteúdos estudados, compreendendo assim seu real sentido e papel na escola. O importante é que muitas vezes não necessitam de tantos recursos para fazer o diferencial em sala de aula, para sair da rotina de aulas tradicionais onde o alunado é o público receptor de conteúdos e que tem por obrigação de absorver todas essas informações em sua mente. É preciso ultrapassar as barreiras e utilizar a tecnologia como uma aliada no processo educativo.

CONCLUSÃO

O grande desafio de ensinar Geografia no século XXI é sentir-se motivado diante das dificuldades atreladas ao processo de ensino, além de buscar trabalhar em sala de aula atividades inovadoras que possam despertar a atenção dos alunos para a disciplina.

Na atualidade existe uma série de informações que o aluno pode absorver simultaneamente, tornando-se bem mais atraente do que os conteúdos tradicionais do livro didático pronto e acabado onde são

transmitidos em uma aula teórica onde o docente ensina e aluno absorve as informações.

Ensinar requer do profissional da educação ultrapassar barreiras, utilizar a criatividade para mudar a realidade da sala de aula em que atua diariamente, requer que este profissional conheça seu alunado para que consiga orientar melhor suas práticas de ensino. Por muitas vezes o público de discentes pode não receber as inovações de forma positiva, desafios podem ser encontrados, mas cabe ao professor superá-los no dia a dia, sem que se deixe levar pelo contexto em que está inserido.

A prática pedagógica da inserção de recursos não convencionais no ensino de Geografia mostra o quanto é importante para professor e alunos a inovação, ou até mesmo algo simples que possa despertar o interesse do alunado para os conteúdos abordados, fazendo que com este consiga absorver os conteúdos por meio de suas próprias habilidades.

As formas de avaliação também devem ser revisadas, buscando mecanismos que possam ser eficazes no processo de ensino aprendizagem e que avaliem cada aluno de acordo com seu desenvolvimento permitindo-lhe tempo hábil e a capacidade para sua evolução, pois cada perfil de aluno se desenvolve de uma forma diferenciada, e cabe ao educador saber fazer essa ponte entre os conteúdos abordados e as melhores formas de aprendizado.

Contudo, embora a escola não disponha de infraestrutura adequada, de meios tecnológicos, o profissional da educação deve sempre buscar outros mecanismos para aproximar seu aluno dos conteúdos estudados, fazendo com que estes permeiem a sua realidade ou que interfiram nela de forma positiva. Os recursos não-convencionais aqui abordados servem como um norte ao professor de Geografia para que utilize sempre que achar necessário em suas aulas adaptando cada um à modalidade trabalhada, e ainda, ao conteúdo abordado, tais como os jogos, os desenhos e pinturas, filmes, maquetes, músicas, charges, histórias em quadrinhos (HQ's), dentre outros.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, Josivane José de; SILVA, Josélia Saraiva e. Recursos Didáticos não convencionais e seu papel na organização do ensino de Geografia Escolar. **Revista Geosaberes**. Fortaleza, v. 9, n. 18, p. 1-14, maio/ago. 2018. Disponível em: <http://www.geosaberes.ufc.br/geosaberes/issue/view/27>. Acesso em: 12 Jun. 2020.

ARROYO, Miguel. Formar educadores e educadoras de jovens e adultos. In: SOARES, Leôncio (org.). **Formação de Educadores de Jovens e Adultos**. Belo Horizonte: Autêntica/SECAD-MEC/UNESCO, 2006.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de Dezembro de 1996. Institui as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF. 21 dez. 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. Acesso em: 13 Jun. 2020.

BRASIL. Ministério Da Educação (MEC). Conselho Nacional de Educação (CNE). Resolução CNE/CEB nº 1, de 3 de abril de 2002: Institui Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo. **Diário Oficial da União**. Brasília, DF, 2002.

CALLAI, Helena Copetti. Aprendendo a ler o mundo: a geografia nos anos iniciais do ensino fundamental. **Cad. CEDES [online]**. v. 25, n. 66, p. 227-247, 2005. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010132622005000200006&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 26 fev. 2020.

CALLAI, Helena Copetti. A Geografia ensinada: os desafios de uma educação geográfica. In: MORAIS, Eliana Marta Barbosa; MORAES, Loçandra Borges de. **Formação de Professores: conteúdos e metodologias no ensino de Geografia**. Goiânia: Editora Vieira (NEPEG), 2010. p. 15-38.

CAVALCANTI, Lana de Souza. A Geografia e a realidade escolar contemporânea: avanços, caminhos, alternativas. SEMINÁRIO NACIONAL: CURRÍCULO EM MOVIMENTO – PERSPECTIVAS ATUAIS, 1., 2010, Belo Horizonte. **Anais** [...] Belo Horizonte: UFG, nov. 2010. Disponível em: https://www.academia.edu/5135729/ANAIS_DO_SEMINARIO_NACIONAL_CURR%C3%8Dculo_em_movimento_perspectivas_atuais_belo_horizonte_novembro_de_2010_projeto_pol%C3%8Dticopedag%C3%93gico_da_escola_e_ensino_m%C3%89dio_e_suas_articula%C3%87%C3%95es_com_as_a%C3%87%C3%95es_da_secretaria_de_educac%C3%87%C3%83o. Acesso em: 12 Jun. 2020.

COSTA, Rita de Cássia Marques; MOREIRA, Cileya de Fátima Neves. **Fundamentos Metodológicos e Prática do Ensino de Geografia**. Sobral: Inta, 2016.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6.ed. São Paulo: Atlas, 2010.

LIMA, Maria do Carmo Barbosa; MOURA, Liége de Souza. Diagnóstico da Realidade da Educação do Campo, Coronel José Dias – Piauí. *In*: MEDEIROS, Lucineide Barros; SILVA, Waldirene Alves Lopes da; APIAIM, Adilson de; SOUSA, Luciano de Melo. (org.). **Educação do Campo**: na fronteira de uma nova política educacional. Teresina: Gráfica Arco Íris, 2016.

OLIVEIRA, Alexandra Maria de. Ensino de Geografia e Escolas do Campo: o conhecimento geográfico como um saber em conjunto. **Revista Geográfica da América Central**. Costa Rica, Número Especial, p. 1-9, ago./dez. 2011, Disponível em: <https://www.revistas.una.ac.cr/index.php/geografica/article/view/2809>. Acesso em: 13 Jun. 2020.

OLIVEIRA, Lidiane Bezerra; EVANGELISTA, Armstrong Miranda. A Aula de Geografia no Ensino Médio: delineando características. *In*: SCABELLO, Andrea Lourdes Monteiro *et al.* (org.). **Geografia em Debate**. Teresina: EDUFPI, 2016, p. 327-350.

OLIVEIRA, Maria Marly de. **Como fazer pesquisa qualitativa**. 3.ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

SANTOS, Laudénides Pontes dos. A relação da geografia e o conhecimento cotidiano vivido no lugar. **Revista Geografia Ensino & Pesquisa**. v. 16, n. 3, p. 107-122, set./dez. 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/geografia/issue/view/460/showToc>. Acesso em: 11 jun. 2020.

SANTOS, Milton. **Por uma outra Globalização**: do pensamento único à consciência universal. 9. ed. Rio de Janeiro: Editora Record, 2002.

SILVA, Josélia Saraiva e. **Construindo ferramentas para o ensino de Geografia**. Teresina: EDUFPI, 2011.

SILVA, Lineu Aparecido Paz e; ARAÚJO, Raimundo Lenilde de. Ensino de Geografia e algumas reflexões acerca da prática docente na educação básica. *In*: SCABELLO, Andrea Lourdes Monteiro *et al.* (org.). **Geografia em Debate**. Teresina: EDUFPI, 2016, p. 351 – 370.